

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Artes - Departamento de Artes Visuais

Licenciatura em Artes Visuais

Natália Rizzi Figueiró

A ação educativa e suas relações com o ensino de arte:
relato de uma experiência

Porto Alegre, dezembro de 2011

Natália Rizzi Figueiró

A ação educativa e suas relações com o ensino de arte:
relato de uma experiência

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em Artes
Visuais. Departamento de Artes Visuais
do Instituto de Artes da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Albani de Carvalho

Banca Examinadora: Prof^a. Dr^a. Maria Ivone dos Santos

Prof^a. Dr^a. Umbelina Maria Duarte Barreto

Porto Alegre, dezembro de 2011

SUMÁRIO

Resumo.....	4
Introdução.....	5
1. O Ensino da Arte.....	8
1.1. A Proposta Triangular.....	10
1.2. Da Experiência Docente.....	12
1.2.1. Colégio Aplicação.....	13
1.2.2. Outro Olhar sobre a Docência.....	18
1.3. Considerações sobre a Experiência Docente.....	23
2. O Museu como Agente Educador em Arte.....	24
2.1. A Ação Educativa e a Escola.....	26
2.2. Mediação.....	29
2.3. A Ação Educativa como Ensino Não-Formal.....	32
3. Curadoria e Expografia como Meio de Comunicação.....	34
3.1. A Relação com a Arte.....	36
3.2. O Público como Parte do Espaço do Museu.....	37
3.3. Relação entre Público e Museu.....	38
3.4. Visita à Bienal.....	39
Conclusão.....	43
Referências Bibliográficas.....	46
Anexos.....	49
Depoimento.....	49
Imagens.....	52
Colégio Aplicação.....	52
Colégio Elpídio Paes.....	55

RESUMO

Este trabalho de conclusão se propõe a investigar como as relações entre os centros de arte e as instituições formais de ensino escolar se desenvolvem, possuindo inúmeros meios de atuação através da ação educativa, e analisa suas estratégias para atrair cada vez mais um número maior de público, buscando levar a arte a diferentes territórios e procurando desenvolver maior interesse perante os museus de arte. Apresenta e compara depoimentos contendo experiências docentes que, apesar das diferenças, se entrecruzam dentro das condições do ensino atual, além de explorar alguns conceitos de autores que abordam noções do ensino, dos museus e do sistema de arte.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de arte, ação educativa, museus de arte.

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta pesquisa é analisar a ação educativa como apoio ao ensino escolar de arte, pesquisada a partir de bibliografias especializadas, desde livros de variados autores até artigos mais atuais, com referências relacionadas ao conceito de ação educativa em museus de arte e à arte como aprendizado e suas metodologias. Prioriza-se também, como parte importante deste trabalho, a experiência pessoal em espaços de arte envolvendo mediação e oficinas em museus e exposições como a Fundação Iberê Camargo e a Bienal do Mercosul, assim como o estágio docente referente ao último semestre em Licenciatura em Artes Visuais realizado no período dos meses de agosto a novembro do ano de 2011.

A partir destas vivências em exposições, houve a possibilidade de observar e interagir com o público freqüentador, sendo a maior parte dele desprovido de conhecimento sobre os caminhos da arte, seus significados e representações. Dentro do amplo conceito de público, o segmento que se distingue como público escolar estabelece contato com o museu através da escola e se relaciona com as obras de forma desinteressada, sem realmente buscar apreender significados. O estágio docente, por outro lado, torna possível uma experiência nova no campo da arte, pois é na sala de aula onde ocorre a compreensão do nível de conhecimento adquirido pelos estudantes e de como eles mantêm uma relação com o museu e as obras de arte. Portanto, como é possível estabelecer uma relação entre o museu e a escola? E como a ação educativa pode ajudar o ensino formal de arte a aprimorar o conhecimento de arte dos alunos?

Dentro do tema proposto, foram levantadas fundamentações teóricas sobre o processo de ensino da arte e a relação do público com a instituição museal. A parte caracterizada pelo museu envolve inúmeros fatores desde o objetivo da instituição, a relação da exposição com o público, a formação de uma equipe qualificada, até o desenvolvimento de uma expografia adequada. Para possibilitar o acesso de públicos determinados é preciso que o museu esteja disposto a desenvolver parcerias com outras instituições, como a prefeitura municipal, ONGs, escolas, de maneira que leve a comunidade para

dentro do espaço de arte. No âmbito escolar, esta relação deriva-se do processo de ensino conduzido pelo professor e o conteúdo visto em sala de aula, assim como a iniciativa do docente de levar os alunos às exposições, a conhecer os museus da cidade e a trabalhar as temáticas vistas dentro destes estabelecimentos. Dar ênfase à arte dentro do cronograma escolar, habilitando o professor a estabelecer uma rotina de atividades de ensino.

O propósito deste texto é embasar teoricamente sobre o conceito de ação educativa, relacioná-lo com o ensino de arte na escola, e analisar o contato entre o ensino de arte e o museu, já que a exposição propicia uma forma de comunicação específica com as obras, seja como experiência de ordem estética, seja no plano do conhecimento. Enfatizando assim, os pontos de conexão entre a escola e o museu, mediados através da ação educativa, servindo como apoio ao ensino em sala de aula.

Nesta perspectiva, é dado o enfoque ao estágio docente no Colégio Aplicação¹ e à experiência de professora iniciante, o conteúdo trabalhado com os alunos, a visita da turma à exposição da Bienal do Mercosul, vivenciando a ação educativa juntamente com a preparação das aulas para esta visita. Além de contar com o depoimento da professora Salete Melo, aluna de Licenciatura no Instituto de Artes - UFRGS, com experiência docente de vários anos, e sua metodologia de ensino em uma escola pública com poucos recursos.

Como base para investigação foi utilizado os estudos de Teixeira Coelho², “Dicionário Crítico de Política Cultural: Cultura e Imaginário” (2004), com verbetes que discutem criticamente características do âmbito cultural. Juntamente com a obra de Pierre Bourdieu³ e Alain Darbel, “O Amor Pela Arte” (2007), que realizou uma pesquisa sobre o público de museus europeus, com o objetivo de verificar quais os fatores que determinam ou favorecem a prática de

¹ A autora desta pesquisa, após a graduação em Bacharelado em Artes Visuais, no segundo semestre de 2009, obteve reingresso para o curso de Licenciatura. Atualmente, finaliza o trabalho de conclusão na área a partir de suas impressões sobre o estágio docente no Colégio Aplicação da UFRGS, para turmas do ensino Médio e Fundamental. Por se tratar de uma escola pertencente ao sistema público de ensino, os alunos têm perfil sócio-econômico variado, e o ensino concede destaque ao estudo de artes, música e teatro.

² Jose Teixeira Coelho Netto, pesquisador e professor titular da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, coordenador do Observatório de Políticas Culturais. É curador-coordenador do Museu de Arte de São Paulo-MASP.

³ Pierre Bourdieu (1930-2002) e Alain Darbel (1932-1975), ambos sociólogos franceses. Pierre Bourdieu organizou a pesquisa com a colaboração de Dominique Schnapper, enquanto Alain Darbel conduziu o plano matemático destinado à análise de frequência das visitas a museus.

educação patrimonial. O livro da museóloga Ángela Blanco⁴, “La Exposición, Un Medio De Comunicación” (1999), expõe a figura do museu como uma forma de comunicação com o público, sendo a exposição o meio possível para estabelecer este diálogo. A exposição também tem códigos (além dos códigos da obra) e precisam ser conhecidos. A autora Ana Mae Barbosa, e sua Proposta Triangular ao ensino formal de arte, contando com outros autores que discutem inúmeras possibilidades para aplicação desta proposta. E Maria da Glória Gohn sobre o ensino não-formal em instituições e espaços.

Tendo em vista o estudo destas bibliografias que serviram de base para a pesquisa realizada, uma das possibilidades da ação educativa é se transformar em um meio de levar o conhecimento sobre arte para o público escolar e se voltar à formação do pensamento crítico dos seus espectadores. Isto, considerando que as exposições produzidas são sempre voltadas ao público especializado em arte. Porém, cada vez mais há a iniciativa dos museus de incluir a ação educativa como meio de levar outro tipo de público às exposições. “O fato é que é necessário introduzir noções pedagógicas na arte para afinar o rigor da criação e para melhorar a comunicação com o público ao qual o artista quer se dirigir” (CAMNITZER, 2009: 21).

O texto que segue está dividido em três capítulos tratando de aspectos essenciais na avaliação da ação educativa e do ensino de arte na escola: o Capítulo 1 é A Arte na Escola, sobre arte-educação nas escolas, como é tratada atualmente e quais seus pontos críticos, além de outra parte focada na experiência em sala de aula incluindo os relatos sobre o estágio docente e da professora Salete Melo. O Capítulo 2, O Museu como Agente Educador em Arte, fala sobre a importância do contato - por parte do aluno e do professor - com a obra e da experiência no espaço de exposição dentro de um projeto educativo. E por fim, no Capítulo 3, Curadoria e Expografia como Meio de Comunicação, aprofunda sobre os aspectos de como uma determinada opção museográfica e curatorial pode afetar os resultados de um projeto educativo ou o sucesso de uma proposta de visita a uma exposição.

⁴ Ángela García Blanco é doutora em História e Geografia da Universidade Complutense de Madri. Curadora do corpo facultativo da Associação de Museus e chefe de Divulgação Museu Nacional de Arqueologia da Espanha. Realizou pesquisas sobre o aspecto educativo da visita ao museu e sobre seus visitantes, assim como colaborou em exposições tanto na sua concepção, quanto na construção do discurso expositivo.

1. O ENSINO DE ARTE

Para a elaboração e discussão do tema, este capítulo divide-se em três partes: a primeira discute a Proposta Triangular, seu processo de ensino e a aplicação nas escolas. A segunda relata experiências docentes distintas, em diferentes escolas e níveis de experiência, uma através do estágio docente, com tempo finito, e outra pela visão de um processo contínuo de ensino. Por meio da análise comparativa, busca-se diferenciar estes diferentes processos de docência.

Considero a educação em arte como uma área de ensino ainda em construção, mas onde se estudam possibilidades diferentes de metodologias através de projetos com temas variados. O ensino de arte foge ao padrão da aprendizagem de outras matérias já que, de certa forma, é discriminado na escola por ser uma matéria que a princípio não reprova o aluno no fim do ano, pois o ensino escolar dá ênfase a matérias que tem peso no vestibular, como português e matemática.

Desde a nova LDB, criada em 20 de dezembro de 1996, a arte como disciplina ganhou importância por ser de cunho obrigatório na escola em todos os níveis de ensino da educação básica “de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”⁵, com pelo menos um período semanal. Entretanto, isso não quer dizer que o ensino de arte ganhou em qualidade, pois muitas vezes a disciplina é dada por professores sem a formação adequada, pertencentes a outras áreas de estudo, ou então o professor de artes é solicitado para preencher falhas nos períodos onde há a ausência de professores. A falta de espaço apropriado, sem mesas grandes, somente as classes escolares, assim como a escassez de materiais para desenvolver propostas diferentes às habituais – fugindo um pouco da proposta do desenho livre, por exemplo – pode ser um dos fatores dos quais muitos docentes percam a vontade de exercer sua profissão com gosto.

⁵ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Art. 26º, § 2º.

Sob esta perspectiva, a arte e seu ensino se tornam um desafio, pois, muitas vezes, não há um incentivo nem por parte da escola, nem por parte dos alunos, dependendo é claro do lugar em que o professor se encontra. Por não ser uma disciplina palpável, por assim dizer, difícil de tornar didático e pelo complicado acesso às obras com imagens reproduzidas em sala de aula.

Associar a escola ao museu é um ganho para o professor, que pode trazer à realidade toda a teoria vista na rotina escolar. Antes de visitar uma exposição, é preciso trabalhá-la em sala de aula para que os alunos encontrem seu próprio caminho interpretativo, sem que o professor ou o mediador imponham a intenção do artista ou do curador. O intuito do professor deve ser tornar os alunos autônomos em suas opiniões e pensamentos, para que possam reagir à sua própria maneira diante de qualquer trabalho de arte. Isso deve acontecer tanto dentro da sala de aula, quanto no museu ou qualquer outra instituição que visa o aprendizado não-formal.

Os programas educativos dos museus têm se dedicado a produzir material pedagógico específico de cada exposição, com livros, fichas dos artistas, jogos e encontros com o curador para professores, propondo a interação e o exercício de reflexão do aprendizado em sala de aula. A visita serve como continuidade do conteúdo, onde serão exercidas novas atividades diante das obras. O material didático serve como registro desta experiência na busca de novas linguagens para o processo de transmissão de conhecimento. O diário de bordo é uma alternativa para apontamentos feitos pelos alunos durante a visita e as aulas de artes, para deixarem suas impressões de qualquer assunto relacionado ao tema.

O educador tem a possibilidade de ver o museu como uma instituição de ensino não-formal que complementa toda atividade exercida dentro do conteúdo didático e obrigatório da escola, a partir de iniciativas como o Projeto Político Pedagógico que pretende prever todas as atividades escolares com o intuito de aprimorar o aprendizado discente. Assim,

(...) existindo projeto pedagógico próprio, torna-se bem mais fácil planejar o ano letivo, ou rever e aperfeiçoar a oferta curricular, aprimorar expedientes avaliativos, demonstrando a capacidade de evolução positiva crescente. É possível lançar desafios estratégicos, como: diminuir a repetência, introduzir índices crescentes de melhoria

qualitativa, experimentar didáticas alternativas, atingir posição de excelência. (DEMO, 1998:248)

É um espaço diferente de trabalho, em que outros elementos entram em jogo e onde os estudantes podem se manifestar de variadas formas, trazendo característicos de seus cotidianos, do ambiente onde vivem e da vivência com as pessoas ao seu redor.

O professor deve estar aberto para novas referências que surgem de seus alunos, pois a cada interpretação feita há, de certo modo, uma reconstrução do conceito da obra. Esse processo de construção/desconstrução dos projetos de arte são importantes para a assimilação dos trabalhos. Observar de perto esse processo de conhecimento da arte, com base na leitura, na contextualização e na produção artística tem o poder de provocar uma transformação no ensino, baseado na Proposta Triangular⁶, de Ana Mae Barbosa.

O educador em arte também tem parte de sua formação voltada à criação. Ao trazer estas duas características, a da criação e a do ensino, é que

(...) a arte-educação tem o potencial de tornar-se um instrumento de ação cultural ou de mudanças sociais pelo desenvolvimento da percepção visual, da imaginação criativa, do desenvolvimento da flexibilidade na resolução criativa de problemas de todo tipo e da formação de valores estéticos que se refletem tanto no entorno humano e urbano quanto nas obras de arte (COELHO, 2004:55).

1.1. A Proposta Triangular

O ensino contemporâneo de arte ensinado na Licenciatura em Artes Visuais da UFRGS e em algumas escolas é baseado na Proposta Triangular, criada nos anos 80 por Ana Mae Barbosa⁷, a partir de pesquisas de educadores americanos visando o fazer artístico dentro de instituições formais de ensino. Esta proposta foi introduzida, inicialmente no MAC - USP, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, em 1987, pela própria Ana

⁶ A Metodologia Triangular constitui-se em fundamento proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para a área de Arte, elaborados pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC em 1998.

⁷ Ana Mae Barbosa é Professora Titular da Universidade de São Paulo, graduada em Direito, com doutorado em Arte-Educação na Universidade de Boston. É a principal referência no Brasil para o ensino da Arte nas escolas.

Mae, combinando atividades de ateliês com aulas de história da arte e leituras de obras de arte, buscando auxiliar na aprendizagem visual dos estudantes.

Este processo de aprendizagem se constitui em três etapas, tais como: a contextualização da obra, envolvendo o descobrimento desta, o questionamento e a interpretação, situando-a em seu contexto histórico e cultural. O fazer artístico é a técnica na prática de ateliê, desenvolvendo a criação; e a leitura da obra de arte é trazer a arte para a realização de relações com outras disciplinas, aspectos do cotidiano, que permitam um melhor entendimento do processo de ensino-aprendizagem.

A Proposta Triangular é, atualmente, o processo de ensino mais discutido na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Discussões e reflexões acontecem regularmente dentro da FACED, e a partir de relatos de colegas, atuais formandos em Licenciatura em Artes Visuais - durante a cadeira de Estágio II, obrigatória no semestre final do curso, que estão na rede pública há certo tempo, observa-se certa distorção das propostas deste método feita por muitos professores. O que pode vir a acontecer é que os docentes “em alguns casos a adotaram sem refletir sobre as possibilidades de adequação à sua própria realidade” (BERNARDO, 2004:3). Esta situação, obviamente, não se aplica a todas as escolas, mas é um exemplo de como deve se prestar atenção aos exercícios dados em sala de aula, como por exemplo, a cópia de determinada obra de arte aplicada como “releitura”, sem a evidência de qualquer outro aspecto de fruição da obra estudada, assim como o entendimento do conteúdo. A releitura seria uma nova visão sobre a imagem, deixando-se influenciar por ela, mas sem imitá-la, atribuindo outros significados ao trabalho.

Como esta proposta se baseia em três eixos para a aprendizagem, é importante ter o conhecimento de cada etapa. Ana Mae Barbosa define a Proposta Triangular como “uma proposta para conhecer a linguagem das artes plásticas, para ver, para conhecer por meio da imagem” (VIEIRA, 1989:4). A parte de contextualização da obra se relaciona com a história da arte, sem necessariamente classificá-la cronologicamente, o importante é situar o artista e a obra de acordo com sua época e cultura, analisando as técnicas e materiais usados. A leitura de imagem se define como a apreciação da obra, não só no

aspecto formal, mas também a capacidade crítica do aluno de interpretação da imagem lida, desenvolvendo assim um senso estético respeitando as múltiplas impressões surgidas, sem noções de avaliação como certo ou errado/ bonito ou feio. Caracteriza-se pelo modo como as pessoas se relacionam com a obra de arte. A produção artística é a parte prática, o processo de criação de um trabalho em artes, com o aprendizado de diversas técnicas vistas nas reproduções das obras em sala de aula. Não há uma ordem correta destas etapas, é o professor que ministra a aula de acordo com sua prática de ensino e com a realidade da escola.

No ensino de arte se aprende muito sobre as características das obras, sobre as cores quentes ou frias, linhas retas ou sinuosas, mas não há a apreensão da busca pelo sentido ou pela expressão pessoal. Através da Proposta Triangular é possível juntar a História da Arte, a Teoria e Crítica e a técnica, com o objetivo de “diminuir a distância criada entre o trabalho do artista e o entendimento do público em relação à produção artística” (PILLAR, 1992:10). E ainda segundo Ana Mae Barbosa,

(...) o importante não é ensinar estética, história e crítica de arte, mas, desenvolver a capacidade de formular hipóteses, julgar, justificar e contextualizar julgamentos acerca de imagens e de arte. Para isso usam-se conhecimentos de história, de estética e de crítica de arte. (BARBOSA, 1999:64).

Como a área de educação em arte ainda está em processo de desenvolvimento no Brasil no âmbito de pesquisas e processos de ensino, a Proposta Triangular virou o método-base usado em sala de aula, e passou a ser considerado como uma “metodologia” de aprendizagem. A questão é que não existe uma fórmula pronta para o trabalho em sala de aula, e reduzir esta proposta limita muito que se pode alcançar com ela. Muitos professores têm formação precária, e a realidade das salas de aula não é fácil.

1.2. Da Experiência Docente

A partir de experiências relatadas, tanto pessoais quanto de colegas, foi possível avaliar as Artes Visuais e seu aprendizado dentro da escola. Assim,

puderam servir de base para este capítulo além, é claro, das bibliografias especializadas anteriormente citadas.

É tomada como ponto de partida a vivência pessoal como docente no Colégio Aplicação da UFRGS. Em contraponto, há também a experiência da professora Salete Melo – estudante de graduação em Licenciatura em Artes Visuais na UFRGS, mas com formação anterior em Educação Artística na UFSM - conta com anos de experiência docente em algumas escolas do município de Porto Alegre.

1.2.1. Colégio Aplicação

O Colégio Aplicação da UFRGS está localizado junto ao Campus do Vale no bairro Agronomia, na Av. Bento Gonçalves, nº 9500, na cidade de Porto Alegre. A escola tem os conteúdos divididos por departamentos, onde os ensinamentos de Artes Visuais, Teatro e Música se concentram dentro do Departamento de Expressão e Movimento (a escola conta com mais três departamentos chamados de Comunicação, Humanidades e Exatas e da Natureza). As três disciplinas são oferecidas para as turmas de 1ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e para o 1º e 2º ano do Ensino Médio, com exceção do Teatro, que é oferecido a partir da 5ª série do Ensino Fundamental.

As disciplinas do departamento de Expressão e Movimento são obrigatórias para todos os anos. Porém no Ensino Fundamental, os alunos recebem o ensino das três áreas durante dois períodos semanais consecutivos de 45 min. Já no Ensino Médio, os alunos têm a opção de escolher entre as três disciplinas, o que possibilita o aprofundamento de determinados assuntos que eles queiram trabalhar.

Há o apoio da diretoria para a realização de passeios fora da escola para exposições de arte, e geralmente é a turma que escolhe para onde quer ir, em um consenso geral. Isso torna possível um interesse maior por parte dos alunos, o que proporciona melhor aproveitamento de habilidades específicas, além do espaço físico e dos materiais. Em anos de Bienais, os professores de todas as disciplinas são estimulados a levar suas turmas à exposição, assim como ocorreu este ano. Por este motivo, houve o problema do transporte, pois dentro do agendamento cada escola pode somente ter três visitas marcadas

usando o ônibus da própria Bienal do Mercosul. Entretanto, é possível conseguir o ônibus pela UFRGS, mediante pagamento de uma taxa pela escola.

A disciplina de Artes possui uma sala de professores especificamente da área, que contém computador, acervo bibliográfico e material didático. Nessa sala são desenvolvidos planejamentos, reuniões de estudos e administrativas. As duas salas de arte chamadas de sala Lua e sala Sol são grandes, com pias para lavar as mãos, mesas compridas para os alunos trabalharem e boa iluminação. As salas possuem materiais para desenho, pintura, gravura, escultura e cerâmica.

É necessário citar que na escola são feitos muitos projetos com as turmas, o que torna possível usar todo o espaço útil, como o pátio, os banheiros, o centro acadêmico e os painéis localizados no saguão da escola. Portanto, é recorrente ver bancos pintados, portas dos banheiros desenhadas com motivos diversos – estes desenhos são desenvolvidos em aula pelos alunos, não se trata de pichação - e os alunos cuidando melhor do espaço de convivência entre eles.

As turmas referentes nesta pesquisa são as que a autora desta teve contato como professora estagiária, consistindo em uma do Ensino Fundamental e uma do Ensino Médio, a 82 (8ª série) e a 101 (2º ano) respectivamente. É importante ressaltar que no Colégio Aplicação as aulas de Artes, Música e Teatro nunca são ministradas para a turma inteira, as turmas são divididas ao meio, compostas não mais do que por 15 alunos. Portanto, a turma do 2º ano era formada por oito alunos - tendo em média entre 15 e 16 anos, e a 8ª série com 15 alunos e média de idade entre 13 e 14 anos. A professora regente do Ensino Médio foi a Simone Fogazzi e o professor regente do Ensino Fundamental, o Michel da Rocha. O semestre iniciou no dia 18 de agosto, logo após o retorno das férias escolares, e seguiu até o dia 03 de novembro de 2011, nos dois últimos períodos da manhã e os dois primeiros períodos da tarde, todas as quintas-feiras.

Apesar de o estágio ter se desenvolvido com duas turmas escolares, como acima citado, neste trabalho será descrito somente o projeto trabalhado com a 8ª série do Ensino Fundamental. Com esta turma, o plano de aula envolvia o tema e a visita à Bienal do Mercosul. Esta visita à Bienal foi feita com toda a turma 82, formada por 29 alunos, em parceria com a professora estagiária responsável pela outra parte da turma, assim como dois professores regentes da escola.

O projeto desenvolvido com a 8ª série - “*Explorando Espaços*” - tinha por objetivo propor aos alunos que conhecessem e observassem mais seu espaço cotidiano, pois, muitas vezes, eles não reparavam em quais elementos compunham o ambiente ao seu redor e de que sua presença e ação não interferiam no meio. Além disso, havia o propósito de que os estudantes viessem a conhecer e reconhecer inúmeros tipos de espaço, interno/externo, virtual/físico, etc., a partir de artistas e obras que trabalhassem com territórios, sempre baseados na mostra Bienal do Mercosul.

O tema da 8ª Bienal - *Ensaio de Geopoéticas* - alude às “diversas formas que os artistas propõem para definir o território, a partir das perspectivas geográficas, política e cultural”⁸. Partindo disto, foram criados pontos de conexão com o projeto da 8ª série, e decidido – após visita realizada a todas as exposições - que a mostra *Além Fronteiras*, no MARGS, se assemelhava mais com as aulas que estavam sendo ministradas. Isto porque a mostra discursava sobre “a ideia (...) de que delimitações políticas entre nações, no caso do Brasil e de seus vizinhos, nem sempre correspondem a uma autonomia cultural encerrada dentro desses limites”⁹, trabalhando com fronteiras entre o Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina.

A preparação das aulas para a ida à exposição significa um tempo anterior para passar os conteúdos aos alunos. Um mês antes da visita, em setembro, foram elucidados alguns aspectos em sala de aula: o que sabiam sobre a mostra, se houve visita ao MARGS em anos anteriores e o que esperavam desta experiência. Muitos viam como um passeio, sem necessariamente associar aos conteúdos vistos em aula. Os estudantes não

⁸ Retirado do site da 8ª Bienal do Mercosul: <http://www.bienalmercosul.art.br/sobre>. Acessado no período do mês de outubro de 2011.

⁹ Idem nota 8.

faziam analogia do tema espaço à realidade que os cerca. Este conceito é tratado de modo mais abstrato nas obras de arte contemporânea o que pode, por vezes, tornar o assunto indistinguível aos alunos perante suas realidades. O trabalho com arte pode instigar uma mirada crítica sobre a questão do espaço como representação e este tema vivido através de assuntos e obras que abordem o cotidiano dos alunos, sua comunidade e a área em que vivem. O professor pode desenvolver inicialmente atividades que possibilitem conhecer um pouco mais da vida dos alunos fora da escola, para compreender melhor a rotina deles e trazer atividades que os interessem.

A partir da quarta aula, o tema Bienal foi colocado em pauta. Durante as três primeiras aulas, foram feitas propostas de mapeamento de locais que fizessem diferença dentro da rotina do dia a dia dos alunos, havendo a indicação de lugares que mais lhes chamavam a atenção. Assim foi introduzida a mostra *Cadernos de Viagem* - que estava localizada no armazém A7 do Cais do Porto – e “consistiu em distribuir pela região do Rio Grande do Sul nove artistas cujas práticas habituais envolvem a viagem, a paisagem e/ou o trabalho com comunidades”¹⁰. Os alunos então, no papel de artistas, deveriam explorar e descrever estes lugares que apontaram no seu mapeamento.

Após este trabalho, na quinta aula, foram apresentados artistas que estavam expondo no MARGS. Inicialmente, a artista Marina Camargo, que expôs sua obra “abrangendo da cartografia poética ao som do vento e ao registro de uma instalação” (RAMOS, 2011:470), consistindo em mapas onde as fronteiras não eram exatamente delimitadas, pois eram formadas por nuvens, assim como o mapa que era distribuído ao público

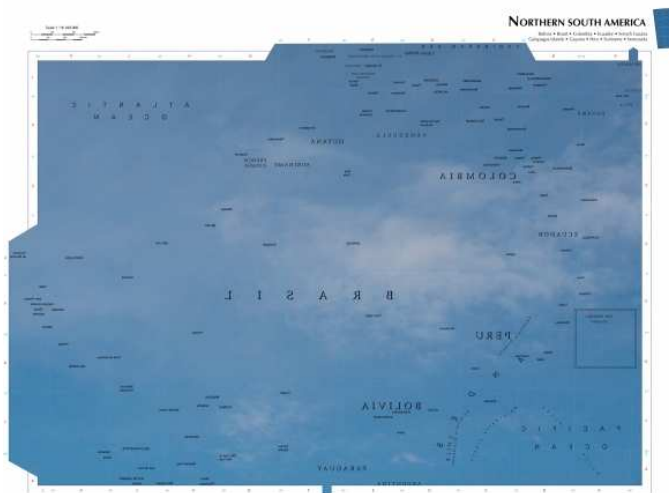


Figura 1 - Mapa da artista Marina Camargo, distribuído durante a 8ª Bienal do Mercosul (2011). Créditos da imagem: 8ª Bienal do Mercosul.

¹⁰ Idem nota 8.

partir deste mapa, que foi levado em aula, os alunos discutiram as características predominantes, a diferença que existe entre os mapas geográficos comuns e este mapa produzido pela artista, e quais as delimitações existentes em cada um deles.

Após a análise dos mapas, os alunos tiveram de criar países com pedaços de barbantes no chão da sala e, formando grupos, criaram continentes, para que cada um soubesse que o limite do seu país acabava até começava o do colega. Concebidas as formas e passadas para o papel, cada um deu nome a seu país, capital, moeda, língua e características de seus habitantes, a fim de criar o Mapa Múndi da turma.

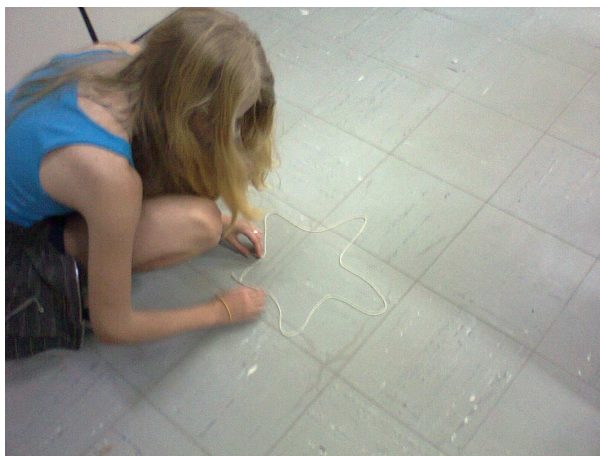


Figura 2 - Desenvolvimento dos países usando o barbante como ponto de partida. Créditos da imagem: Natália Rizzi.

Em cada aula era preciso lembrar o que havia sido trabalhado anteriormente, pois os alunos não faziam conexões com o tema. Eles se concentravam somente na atividade prática, deixando de lado todo o conceito. Mesmo sendo uma escola que dá ênfase às artes, muitos alunos ainda se prendiam somente às ordens do professor, sendo difícil fazê-los pensar sobre as questões que os cercavam quanto à sua realidade.

A avaliação quanto ao conteúdo visto em sala de aula foi realizado após a visita da turma 82 à Bienal do Mercosul na mostra *Além Fronteiras*, realizada na data de 27 de outubro de 2011. A turma associou o tema da aula – Espaço - com o tema da mostra, e participaram ativamente diante das obras de Marina Camargo, com suas fronteiras movediças, de Gal Weinstein e sua visão panorâmica da região de Ijuí, Rio Grande do Sul, em forma de carpete.

Não foi possível o comparecimento da turma inteira na visita, pois faltaram três de 29 alunos. Entretanto, houve a presença dos alunos da outra metade da turma, onde foi possível observar o comportamento do grupo dentro de uma instituição de arte, considerando que na maioria das obras havia um

limite de proximidade, a presença de seguranças em sala de exposição e o estranhamento diante de tantos trabalhos de arte contemporânea.

A visita, guiada por uma mediadora com formação em História, trouxe à tona outros pontos de vista em relação às obras, acrescentando as opiniões dos próprios alunos dentro dos conceitos das obras de arte expostas. A maioria emitiu suas opiniões, o que propiciou aos alunos a vontade de participar da mediação. Afinal, ter preparado a visita com muita antecedência afetou positivamente o grupo, e o estudo prévio ajudou-os a prestar atenção tendo assim, criado uma relação com o conteúdo de sala de aula e os trabalhos expostos.



Figura 3 - A turma 82 em visita à Bienal do Mercosul, mostra Além Fronteiras, datado do dia 27 de outubro de 2011. Créditos da imagem: Caroline Weiberg.

1.2.2. Outro Olhar sobre a Docência

Para complementar esta pesquisa e contrapor ao relato anterior na questão sobre o ensino de artes, a professora Salete Melo relata aqui sobre sua jornada como professora na rede estadual de ensino.

Salete trabalha a 17 anos no Colégio Estadual Elpídio Ferreira Paes, localizado na Rua Inhandui, nº 432, no bairro Cristal, zona sul de Porto Alegre. A docente trabalha com turmas de Ensino Médio e Fundamental, e no projeto descrito nesta pesquisa – “Cartografia Artística do Bairro – Projeto Únicos e

Unos“, foram ministradas aulas com três turmas de 7ª série e seis turmas de Ensino Médio noturno, cada turma com uma média de 35 alunos.

A educadora reside no mesmo bairro da escola e da maioria dos seus alunos, o que possibilita saber como é a rotina dos estudantes e seu espaço de convívio fora da rotina escolar. Considerando que o bairro Cristal é tido como um dos mais comprometidos, não só com a pobreza em algumas localidades, mas também com o tráfico e a violência o que, por conseqüência, provoca uma imagem negativa aos seus moradores, a professora resolveu fazer um projeto que desconstruísse esta impressão ruim do bairro vivenciada pelos alunos.

As propostas deste projeto têm diferentes temas, mas com o mesmo objetivo de explorar os pontos positivos da comunidade. Através de um mapeamento, os alunos foram descobrindo novos pontos e direções e foram acrescentando ao seu mapa do bairro. Assim, cada um construiu um mapa cheio de impressões próprias, localizando pontos que lhes eram interessantes no caminho de casa até a escola.

Além desta proposta, a educadora incluiu como conteúdo de ensino a trajetória de Arthur Bispo do Rosário, usando estandartes como meio de registrar estes mapas feitos pelos alunos, além de visitar a Bienal do Mercosul e a Fundação Iberê Camargo. Este último, sendo lugar pertencente ao bairro Cristal, foi explorado como uma proposta sobre um olhar inclusivo dos alunos sobre o local, para “inserir nessa imagem positiva (do



Figura 4 - Estandartes produzidos pelos alunos, como fechamento do projeto. Créditos da imagem: Salete Melo.

bairro) a presença da Fundação Iberê Camargo como forma de conhecimento em Arte e importância internacional para o Bairro”¹¹. Os alunos e moradores da comunidade pouco freqüentam (ou não freqüentam) o museu, por ter uma imagem de “inacessível”, apesar de a instituição fazer parte da paisagem do cotidiano de cada um dos estudantes.

Todos estes pequenos projetos englobados dentro de um maior estão registrados em um blog chamado “Cartografia Artística do Bairro - Projeto Únicos e Unos”¹², onde abriga fotos de visitas à Bienal do Mercosul, dos trabalhos dos alunos de todas as turmas e a descrição de todos os trabalhos feitos, seus objetivos e características.

Os conteúdos de arte são justapostos às idéias e pensamentos de cada indivíduo com o intuito de, no futuro, “desenvolver o senso e a sensibilidade de consumidores de todas as linguagens de arte”¹³ para que os alunos tenham voz própria diante de qualquer meio de expressão da arte.

Como citado anteriormente, a professora Salete mora no mesmo bairro dos alunos, e por isso os projetos anuais desenvolvidos por ela são feitos de acordo com a realidade das turmas. Ela procura levar a arte como um espaço para reflexão deste cotidiano por eles vivido e sobre o papel deles dentro da comunidade.

Como meio de registro dos processos de trabalho dos alunos, eles usam o livro do artista, que as turmas sempre trabalham, além das ferramentas virtuais, os TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), onde eles postam seus trabalhos e comentários sobre as atividades. Como é em rede, todos os alunos podem ver o que foi escrito pelos colegas. As ferramentas usadas são simples e de fácil entendimento, como o *Google Docs*, para escrever os trabalhos, o *Paint*, para desenhar e o *Edit Draw*, para manipulação de imagens.

Entretanto, a escola Elpídio Ferreira Paes não tem muitas condições de infra-estrutura. O uso da sala de informática se torna complicado, pois de quinze computadores, apenas dez funcionam plenamente. E muitos alunos têm acesso aos programas e à internet somente na escola, então para uma parte

¹¹Retirado do blog do Projeto Unos e Únicos: <http://projetounicoseunos.blogspot.com/>. Acessado no período do mês de outubro de 2011.

¹² Idem nota 11.

¹³ Relato da educadora Salete Melo. Em anexo nas páginas 46 e 48.

deles é preciso que haja uma aula de inclusão digital. O problema é que não existem monitores na sala de informática para dar suporte, então cabe ao professor esta tarefa de iniciá-los no uso de programas e softwares. Para que este laboratório funcione plenamente seria necessário ter alguém capacitado a ensinar os alunos a usar todas as ferramentas para que as disciplinas decorressem sem maiores problemas.

Após anos de experiência em sala de aula, com formação docente através da graduação em Educação Artística pela UFSM em 1977, Salete entrou novamente na faculdade, em 2008, para fazer Licenciatura em Artes Visuais. Ocorreram grandes mudanças dentro da área do ensino de arte nesses 31 anos de diferença entre uma graduação e outra. Vários autores especializados em educação em arte lançaram bibliografias importantes, assim como a mudança no ensino de arte em sala de aula. Não só a arte virou disciplina efetiva, juntamente com a música e o teatro, como também se exige atualmente dos professores a formação adequada à sua área. A partir dos anos 80, educadores brasileiros imergem em um esforço de discutir práticas e teorias de educação escolar. A partir desta década também surge a proposta triangular, de Ana Mae Barbosa, que veio a transformar o ensino de artes, bem como Conscientizar de como a escola se configura no presente, com vistas a transformá-la rumo ao futuro.

Com referências bibliográficas diferentes, Salete passou a fazer projetos de aula – que mudam a cada ano, para criar diferentes temas para as turmas – a partir da leitura do autor espanhol Fernando Hernández¹⁴, “Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho“, amplamente visto e discutido na Faculdade de Educação da UFRGS e nas cadeiras de arte-educação do Instituto de Artes.

A professora cultiva o hábito de levar suas turmas em exposições e relacionar as atividades em aula de acordo com elas. A Bienal do Mercosul e a Fundação Iberê Camargo (FIC) são os principais pontos. A FIC é ponto obrigatório para que os alunos se familiarizem com este museu, fazendo-os

¹⁴ Doutor em Psicologia e professor de História da Educação Artística e Psicologia da Arte na Universidade de Barcelona. Tem 50 anos e há 20 se dedica a lutar pela inserção dos projetos didáticos na escola. Defende que a organização do currículo deve ser feita por projetos de trabalho, com atuação conjunta de alunos e professores.

saber que é um espaço de arte aberto ao público, e que está disponível a visitação mesmo sem a escola para mediar a visita. Para isso, Salete desenvolveu uma proposta dentro deste projeto chamado “Cartografia - Olhar Inclusivo Sobre Iberê”, trazendo a trajetória da linguagem usada na pintura do artista, a importância do museu localizado no bairro onde mora, trazendo uma vida cultural à comunidade. Para isso cada aluno tinha um diário de bordo onde anotavam suas impressões mediante as obras de Iberê Camargo.

Todo este projeto começou através de uma visita à FIC onde os alunos anotaram suas impressões sobre o local com “vantagens e desvantagens” e uma análise

da observação do prédio e sua arquitetura.

A disponibilidade da educadora na participação de encontros para professores promovidos por algumas instituições culturais de Porto Alegre é pouca, devido aos horários de aulas e ao envolvimento com inúmeras turmas dentro da escola onde trabalha. Porém, é necessário frequentar para atualizar o repertório de artistas, idéias e conteúdos sobre as novas exposições que abrem a cada temporada. O que possibilita também, receber materiais pedagógicos dos artistas e ter um material de qualidade para trabalhar em sala de aula.

As visitas de mediação nos museus possibilitam a estes alunos carentes o contato com outra realidade. Como o material da escola é limitado a pouca variedade, e não há a possibilidade de fazer os alunos trazerem à escola, as oficinas ministradas nestas visitas contam com um material de qualidade, e também com uma gama variada de objetos. Assim, além dos alunos conhecerem novas formas de trabalho, eles saem da rotina da escola e das



Figura 5 - Visita de umas das turmas da professora Salete à 7ª Bienal do Mercosul, na mostra Ficções do Invisível, no Cais do Porto. Créditos da imagem: Salete Melo.

aulas, para fazerem atividades diferentes e mais descontraídas (fugindo um pouco do planejamento escolar).

1.3. Considerações sobre a Experiência Docente

As duas experiências relatadas aqui, além da Proposta Triangular, têm por objetivo não só analisar e comparar as diferenças, mas perpassar pontos em comum, apesar dos dois relatos serem muito distintos.

A experiência dentro do Colégio Aplicação como estágio docente foi breve – somente 11 aulas – e assim que foi criado o projeto de aula, teria que segui-lo. Como o tempo era contado e as aulas nunca acontecem conforme o planejado, o que se faz é adaptar o cronograma e o tema de acordo com o ritmo da turma. A escola tem condições físicas, e também tem materiais disponíveis aos professores e a direção da escola dá todo suporte aos projetos propostos por professores e alunos.

A professora Salete, por outro lado, tem o ano inteiro para desenvolver várias propostas ao longo deste período, além de adaptar seus projetos segundo a realidade dos alunos, que a educadora conhece bem, pois mora no mesmo bairro que eles. A escola não conta com muitas condições de infraestrutura, mas as atividades são adaptadas às condições existentes.

O ponto em comum entre estas propostas é a noção de ensino e docência que vem da Faculdade de Educação e do conhecimento sobre arte-educação aprendido na Licenciatura em Artes Visuais, a elaboração das aulas através de projetos, com temas e artistas específicos. Além de dar importância a visitas a museus e instituições culturais, incentivando os alunos não só a conhecer, mas também a frequentar espaços de arte.

Isso tudo tem por objetivo levar os alunos a pensar a arte não só como conteúdo ensinado em sala de aula, mas como conhecimento para ser levado além dos muros da escola.

As diferenças dentro do ensino de arte mudam de acordo com as condições oferecidas pela escola e com o repertório de cada professor. Creio que cabe a cada educador usar os recursos disponíveis para fazer o melhor possível, por mais que o papel do educador esteja cada vez mais desvalorizado.

2. O MUSEU COMO AGENTE EDUCADOR EM ARTE

Existem vários fatores que influenciam diretamente na relação entre a escola e o museu. Dentro da instituição de arte, o Projeto Educativo desenvolve novos aspectos para a que mediação instigue o público, enquanto dentro da escola o professor desenvolve atividades com o intuito de preparar os alunos para a visita ao museu.

A proximidade entre a instituição escolar e a instituição museológica é mediada pelo conteúdo de arte. Por isso, é preciso estabelecer relação de educadores e alunos não só com as obras de arte, mas também com o museu, que sustenta uma imagem sóbria e imponente por ser um espaço limitado às regras institucionais e ao sistema de arte, tais como manter um distanciamento das obras, não tocá-las e fazer silêncio, entre outras.

O museu é um espaço de ensino onde se faz necessário manter ligação por abrigar muitas obras dignas de conhecimento. O contato direto com estas obras cria um vínculo diferente daquele onde a imagem somente é conhecida através da reprodução, o que torna necessário o contato com a ação educativa, exercendo não só a interação entre as duas instituições, mas servindo também como apoio ao ensino em sala de aula.

Nesta perspectiva, visitas de professores e alunos aos museus para conhecer as exposições são importantes para que eles se situem dentro do sistema de arte que é tão falado e analisado na escola, mas que parece tão distante de determinadas realidades. Entretanto, atualmente uma parte da arte contemporânea também usa linguagens e técnicas oriundas deste mesmo sistema, como é o caso de alguns exemplares de vídeoarte, *street art* e o grafite. É importante conscientizar os estudantes de que existem regras gerais dentro do sistema de arte, mostrando que este não funciona de modo aleatório, pois existem fatores culturais determinantes para o seu funcionamento e como ele veio a ser o que é atualmente.

Os alunos podem vivenciar a experiência em relação às obras tendo a consciência de que é necessário não somente saber o que o artista quis dizer com seu trabalho, mas o que ela proporciona e que sentido ela faz para cada

um deles para além da “explicação”. Cada aluno precisa aprender a ter capacidade de interpretar a obra.

Dentro do museu, o conteúdo visto em sala de aula vem a ser descoberto pelos estudantes em tamanho, formato e cor originais - ao vivo - onde uma nova forma de percepção se cria. A obra de arte desperta as mais variadas reações, ainda mais dentro de uma instituição de arte, lugar que se concentra em realçar a arte como fato consumado, enfatizando a atuação do artista.

O processo de conhecimento da arte começa com o professor e continua com o mediador durante a visita ao museu, no espaço expositivo. E mais uma vez, deveria prosseguir em sala de aula, com a continuidade do processo, explorando o que foi visto na exposição, abrindo espaço para a discussão de novos temas surgidos após a visita.

As ações educativas são a materialização de um conjunto de medidas, com o objetivo de promover o interesse pela arte, vista através do âmbito da educação como educação não-formal, exercida em inúmeros espaços, incluindo museus e instituições culturais. O ensino não-formal é aquele que não se limita a ensinar os conteúdos normatizados por lei, trazendo a experiência pessoal de cada indivíduo participante. Seu conteúdo não é rígido, podendo se modificar de acordo com o processo de ensino.

Uma característica da arte contemporânea, diferentemente de outras épocas, é que se trata de uma produção endereçada a públicos variados. Em períodos anteriores, a arte era especificamente produzida para um público mais específico – outros artistas e para uma elite que já possuía este conhecimento, contido nos objetos artísticos. Atualmente, desde a abertura dos museus a toda a população, seja ele de caráter público ou privado, o proposto é abranger um público de variados segmentos sociais e culturais. E os próprios artistas, pelo menos em seus discursos, também buscam um público mais amplo - para além do circuito de pares.

Por outro lado, um segmento forte dos artistas contemporâneos, dos críticos e curadores entende que a arte deve ser desafiadora e não conivente com as expectativas do público (em seu âmbito geral). Dentro deste grande público, o escolar é um segmento que ganha atenção, embora não seja o único ao qual a mediação está endereçada.

Neste texto, o foco de trabalho é com este segmento de público – o escolar, que pode ser também um recorte geracional, de crianças e adolescentes em formação.

O papel da mediação e da visitação pode vir a possibilitar a assimilação de um hábito, a formação de um público apreciador, articulado com o ensino de arte na escola e com oficinas nas instituições, considerando o específico contexto brasileiro.

2.1. A Ação Educativa e a Escola

A ação educativa no âmbito museológico pretende expandir o acesso à arte por meio da mediação. De fato, a ação educativa não pode se tornar algo direcionado somente às concepções do artista e do curador. Um conceito interessante sobre este assunto vem do autor Teixeira Coelho onde, segundo ele,

(...) optar pela educação é optar pelo mais fácil. E no lugar do espaço aberto à criação aparecem as palestras, os debates e, acima de tudo, os cursos (...). Aquilo que seria complemento (a conferência, o ensino), na ação educativa torna-se o principal. (COELHO, 2002:29).

O autor afirma que, ao invés de levar o público à criação, leva ao saber ensinado, guiado, sem estimular a percepção do outro. O que certamente é uma visão limitante, já que os setores pedagógicos dos museus têm se esforçado cada vez mais por fazer a ação educativa através de vários meios, como programas de orientação para educadores - visando orientar os professores sobre as exposições, materiais didáticos apropriados contendo fichas dos artistas e das obras, além das mediações agendadas pelas escolas, contando com transporte para as visitas. Claro que depende dos objetivos de cada parte que compõe uma exposição, como a instituição, o curador, etc., mas acredito que cada vez mais estes se voltam a um entendimento maior sobre o público.

A ação educativa é um conjunto de medidas tomadas pelas instituições culturais e/ou de arte, com o objetivo de promover o interesse pela arte, não só voltado ao público escolar, mas também a um público geral. Esta tem o interesse de orientar o espectador ao pensamento crítico e ao questionamento,

instigando o público a buscar novos significados, e pode proporcionar diversas sensações e experiências em contato com as obras, dependendo da ênfase dada durante a visita e de como foram combinados os elementos de leitura das imagens expostas.

É uma ação que se propõe a trabalhar com a integração de um público cada vez mais jovem e sem acesso à arte, o que torna os setores educativos tão caros aos espaços de arte. Serão eles que fornecerão instrumentos para que os diversos públicos tenham acesso ao universo artístico, a partir da ampliação dos conhecimentos diretamente vinculados aos modos de ver e perceber não somente as obras, mas o mundo.

Nos museus brasileiros, a ação educativa foi implantada através de leis de incentivo à cultura, de acordo com o decreto nº 5.264, de 5 de novembro de 2004, onde a instituição museológica deve estabelecer projetos de ação social e inclusão, através do patrimônio cultural. Muitos dos projetos educativos foram criados somente por volta deste ano e sem essa lei, os museus brasileiros talvez não criassem projetos envolvendo a participação da comunidade.

A Fundação Iberê Camargo, por exemplo, teve sua nova sede inaugurada em 2008, e junto com ela o programa Educativo do museu. O Educativo é formado por uma equipe de catorze mediadores com vínculo de estágio, de várias áreas de formação sendo elas: pedagogia, artes visuais, história e design.

Esta instituição, além de produzir material pedagógico a cada nova exposição - excetuando o material sobre a trajetória artística do artista Iberê Camargo, também promove encontro de capacitação de professores. Este material específico produzido para as exposições temporárias consiste em fichas sobre as obras e os artistas, distribuído durante o encontro de preparação de professores ou mediante solicitação durante uma visita ao museu. Existe disponibilidade de algum tipo de material online, com dicas de oficinas e imagens em alta resolução de algumas obras de Iberê.

A capacitação de professores acontece um pouco depois da abertura de cada nova exposição, incluindo palestras com os curadores das exposições e com a equipe do Programa Educativo, visitas mediadas às exposições e uma

atividade prática orientada a partir do material didático fornecido pelo Programa Educativo da FIC. Na categoria “Programa Educativo” dentro do site da Fundação Iberê Camargo¹⁵ é possível deixar depoimentos sobre as experiências de mediação vividas pelos alunos e professores.

Através de experiências pessoais, o relato a seguir é baseado em vivências durante a Bienal do Mercosul, nos anos de 2007 e 2009, e na Fundação Iberê Camargo, período de setembro de 2010 a abril de 2011, onde houve experiência como mediadora, atendendo a públicos variados, além de elaboração de oficinas e materiais usados nestas.

Por meio de experiência pessoal e de colegas na área de mediação e educação em arte, foi possível constatar que nas escolas o hábito de visitar museus e exposições de arte é bastante freqüente hoje em dia como apoio ao ensino na escola. A partir dessas vivências, tem-se a noção do quanto os alunos – e mesmo os professores – têm acesso à arte. Desse público escolar, que tem idades variadas entre 4 e 20 anos até EJA (Ensino de Jovens e Adultos), não existe o hábito de freqüentar museus e muitos não se deixam levar pelas obras ou pela exposição. Em sua maioria, não parece haver uma apreensão intelectual da arte, somente uma vaga idéia da finalidade da obra exposta.

Parece haver uma desvalorização do consumo de arte que ocorre, entre outros aspectos, por certa elitização e intelectualismo associados a ela. Assim como a pouca ênfase dada para o ensino de arte, música e teatro no currículo escolar brasileiro, com poucos períodos disponíveis e poucos professores graduados na área específica. Embora tenha exceções, como o Colégio Aplicação da UFRGS, que dedica dois períodos semanais para as três áreas e desenvolve projetos de pesquisa em artes, com orientação dos professores da área.

Entretanto, a partir de observações feitas nestes últimos semestres de Licenciatura, há uma nova leva de estudantes determinados a transformar a aula de artes em algo que valha realmente a pena e produza resultados com os alunos. Estes futuros graduandos estão dispostos a buscar novas formas de

¹⁵ Programa Educativo da Fundação Iberê Camargo: <http://www.iberecamargo.org.br/site/programa-educativo/default.aspx>. Acessado no período do mês de outubro.

levar o conhecimento aos jovens de nível escolar através de materiais produzidos por eles mesmos, com banco de imagens de artistas para referência em sala de aula e visita às exposições, pois a graduação exige uma renovação constante de informação sobre exposições e materiais lançados. O acesso às bibliotecas da universidade possibilita encontrar inúmeros títulos disponíveis, além de fóruns e anais de encontros de professores de artes na internet. Ou seja, recursos não faltam e cabe aos novos professores buscarem informações e aos mais antigos e experientes manterem a atualização e a energia.

Isso tudo, podendo ainda contar com o suporte de museus que estão preparados para receber as escolas com o intuito de caracterizar as motivações e expectativas destes freqüentadores, onde existe uma avaliação do que interessa a este público, feita pela curadoria educativa. Assim, as obras são ativadas culturalmente pelos educadores e pelo museu.

2.2. Mediação

Extremamente ligada ao papel do professor, a mediação é um ponto de apoio ao ensino de arte na escola. Mas como a mediação pode ajudar os alunos? Por ser um processo um tanto diferenciado de aprendizagem,

(...) a mediação cultural pode ser o espaço da conversação, da troca, do olhar estendido pelo olhar de outros que não elimina o do sujeito leitor, seja ele quem for. Sem intercessores, talvez nosso olhar poderia ficar amarrado à beleza da arte na reprodução da realidade, como se ela isso almejasse (MARTINS, 2011:315).

Os setores Educativos dos museus têm feito, cada vez mais, materiais didáticos de qualidade para auxiliar o ensino, como por exemplo, a Bienal de São Paulo que conta com um setor Educativo permanente e lança material disponível no site a cada exposição feita.

O professor pode ajudar na visita, porque é esperado que ele deva saber de antemão sobre a exposição visitada, e que tenha trabalhado previamente com a turma sobre a mostra. Situar os alunos sobre a exposição, as obras, o artista e o museu que será visitado, mesmo os detalhes mais simples como a localização da instituição, se este ponto da cidade é conhecido, etc., trazer à

tona maneiras variadas de criar um ponto em comum entre a realidade do indivíduo e o ambiente cultural.

Para que a visita seja de qualidade, é preciso valorizar o papel do mediador, importante figura neste contexto, pois é através dele que acontece a aproximação do público com as obras. O mediador pode levar as turmas a pensar sobre como funciona o sistema dentro de uma instituição reconhecida por ostentar obras de artistas renomados e como estes vieram a se tornar famosos conseguindo expor seu trabalho dentro do circuito artístico.

Dentro das instituições de arte aqui experienciadas, os mediadores eram de fundamental importância, pois passavam a imagem da Fundação (no caso, Bienal e Iberê Camargo) ao público freqüentador. O setor educativo poderia ser mais valorizado com maior investimento em materiais e espaço para oficinas. Entretanto, creio que cada vez mais são tomadas iniciativas de incentivar a equipe do Educativo, com maior financiamento para os recursos que visam trazer o público para dentro do museu, como o transporte, o material didático, encontro para formação de professores, etc.

A mediação pode levar os estudantes a entender o porquê de determinados artistas e obras causam impacto o bastante para fazer a diferença dentro do circuito de arte – tão fechado e restrito – situando-os dentro do contexto histórico e cultural e quais rupturas importantes foram causadas por tal obra. Segundo Mirian Celeste Martins

A mediação cultural não é uma ação fácil, pois, ao mesmo tempo em que exige um olhar do mediador atento às obras e ao que já foi escrito sobre elas, determina um olhar sobre os leitores com seus repertórios, subjetividades e contextos particulares, mesmo que sejam da mesma faixa etária, alunos de uma mesma escola (MARTINS, 2011:315).

Assim, é preciso que haja uma flexibilidade quanto ao discurso de acordo com o entendimento do solicitante, tentando tornar a exposição mais acessível. A mediação “cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte” (COELHO, 2004:248) precisa acontecer de tal forma a atingir o público de todas as maneiras possíveis sem limitar o espectador, sem dar-lhe respostas conclusivas, mas instigar sua criatividade para que a arte acesse as mais diversas realidades. Se o

espectador se deixar levar pela imaginação diante da obra, talvez consiga não se prender a paradigmas pré-estabelecidos.

As ações educativas, com relação a seus públicos, pretendem expandir a visão sobre a arte principalmente através de mediações, tendo o espectador como figura necessária, pois, sem ele, a arte não ganha novas atribuições a cada olhar direcionado à obra. Por isso, a exposição de arte deve ser trabalhada através do professor e do mediador que unem forças para que a mediação atinja seu objetivo de

(...) facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual – com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca da formação de públicos para a cultura – ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural (COELHO, 2004:248).

Dentro do estágio docente no Colégio Aplicação, ocorreu a visita com os alunos da turma de oitava série do Ensino Fundamental à Bienal do Mercosul, na mostra *Além Fronteiras* no MARGS. Todo o conteúdo que vinha sendo trabalhado a, pelo menos, quatro aulas foi arrematado com a visita dos estudantes para ver as obras de perto.

Tanto o tema geral da Bienal, *Geopoéticas*, quanto o da exposição no MARGS foram apresentados aos alunos em sala de aula, discutido de modo a entender os conceitos das exposições de acordo com as percepções de cada estudante e trabalhando através de propostas de mapeamento dos espaços que os alunos freqüentam, de criação de novos territórios e da escolha de imagens que caracterizavam estas criações.

Estas atividades foram feitas com o propósito de trazer o ambiente onde os estudantes vivem para dentro da sala de aula, trabalhando as questões do cotidiano destes alunos e suas visões das comunidades a que pertencem, salientando um diferencial do Colégio Aplicação, quanto à origem destes alunos de diferentes comunidades – diferentemente de outras escolas públicas, onde os alunos são do bairro em torno ou proximidades.

Estas diferenças surgiram várias vezes em conversas dentro de sala de aula, destacando a reflexão sobre como os estudantes poderiam repensar a imagem do seu bairro, através da reconstrução e associação de novos

elementos ao ambiente onde moravam, valorizando os pontos positivos dentro de seu cotidiano.

2.3. A Ação Educativa como Ensino Não-Formal

O termo educação não-formal, definido a partir do termo da Comissão Européia – *A Memorandum on Lifelong Learning* – datado do ano de 2000, é a aprendizagem que acontece paralelamente aos sistemas regulares de educação e formação, como forma de complementar o ensino formal trazendo um pouco do cotidiano dos estudantes junto ao aprendizado escolar para melhor compreensão do conteúdo dado em sala de aula.

O ensino não-formal “ajuda na construção da identidade coletiva do grupo” (GOHN, 2006:30), abordando elementos subjetivos de determinado grupo e valorizando características que não são abordadas dentro da sala de aula. Portanto, o conhecimento mencionado durante o processo de ensino não-formal é sempre mutável, mantendo somente o foco da exposição em questão, quando exercida dentro de espaços de arte.

Na experiência docente, existe uma série de conteúdos a serem abordados obrigatoriamente para que os estudantes tenham acesso aos conceitos básicos de cada matéria. Em artes visuais, estes conhecimentos são um pouco mais flexíveis dependendo, claro, de como foi esquematizado pela escola o que será ensinado. Muitos professores ensinam a arte através de projetos implicando que “a aprendizagem seja concebida como uma produção ativa (não passiva) de significados em relação aos conhecimentos sociais e à própria bagagem do aprendiz” (HERNÁNDEZ, 2000:178), com determinado número de aulas para cada assunto.

Se o educador trabalha com os alunos o tema de uma exposição, ele pode explorar diferentes fatores, aproximando-se de diversas dimensões das diferentes realidades de uma mesma comunidade onde se encontra a escola, abordando, por exemplo,

(...) a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura

do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor (...) (GOHN, 2006:28).

Isso se reflete também em atividades fora da sala de aula e da escola, através de organizações ou serviços que foram criados para complementar sistemas formais de ensino, por meio de visitas a museus e instituições culturais, implicando uma abordagem diferente em cada ambiente proposto para estas atividades, levando em consideração o público a ser atendido.

A representação da instituição museal se dá através do educador ou mediador, que geralmente tem a formação específica em arte-educação, atuando como peça importante na relação com o público em geral, especialmente o escolar. Estes personagens têm por objetivo fazer com que os estudantes criem uma ligação com este tipo de atividade fora do colégio e, distante do cotidiano escolar, permite que eles saiam do comum e se dêem conta que a aprendizagem pode ser feita de maneiras diferentes.

No ensino formal, existe uma preparação direcionada ao mercado de trabalho e ao vestibular, dando ênfase a matérias que exigem que os alunos decorem a maioria das regras. Contexto este não correspondente à realidade das artes visuais, onde se torna possível sair do habitual para explorar outras maneiras de pensar, em contraponto a todas às regras exigidas dentro da escola.

Fomentar um conjunto de ações institucionais que visam contribuir cada vez mais para com o objetivo de aproximar o público da arte, assim intensificando o contato das escolas com o museu. As ações educativas proporcionam aprimorar os conteúdos artísticos, colaborando para a valorização da arte.

3. CURADORIA E EXPOGRAFIA COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO

O espaço expositivo e a maneira como este é disposto dentro do museu de arte, revela que a curadoria é um dos aspectos importantes mediante o complexo campo de forças onde circulam artistas, curadores, intelectuais e estudantes. A instituição de arte carrega variados elementos que podem tornar possível um diálogo com este público distinto, tornando-o ciente dos objetivos e de suas impressões sobre a arte.

Em sua maioria, as exposições são feitas por especialistas para um público especializado, esquecendo o museu é um meio de comunicação com o espectador e assim deve se expressar de forma acessível a todos. Neste aspecto, é a ação educativa que se volta na maior parte das vezes para as instituições formais de ensino, não podendo excluir o grande público que também se mostra interessado. A curadoria deve seguir certa continuidade dentro da exposição que insira sentido a partir de um estudo aprofundado feito pelo curador, “que fundamenta uma política de aquisições lógica e congruente tendo em vista completar um discurso científico que será a base do discurso comunicativo que se manifesta na exposição” (BLANCO, 1999:51).

Uma solução que pode ser adotada pelo museu é através de um levantamento de público destas instituições, uma pesquisa qualitativa para caracterizar as motivações e expectativas deste freqüentador, onde exista uma avaliação sobre seus possíveis interesses. A museografia de uma exposição deve ser feita através de um fio condutor, onde a obra faça sentido dentro do contexto proposto, e que possa ser parcialmente entendida por seus próprios atributos, pois

(...) quando há intenção comunicativa, se explicita o significado dos objetos e de suas relações por meio de informação complementar que usa linguagens conhecidas pelos visitantes: textual, paratextual, sonoro, icônico, de animação, etc. (BLANCO, 1999: 70).

sem a necessidade de ser totalmente esmiuçada através de explicações de um mediador.

Através de uma avaliação bem elaborada, existe a possibilidade de estabelecer qual público é freqüente em determinado museu, visando um

planejamento expográfico adequado para atingi-lo. Assim, a instituição museal consegue exercer seu papel de intermediador entre espectador e obra. Se antes o museu visava somente um público seletivo com capital cultural e social a qual as exposições eram produzidas, dialogando somente com seus pares (artistas, colecionadores, etc.), atualmente ele se dedica a abrir suas portas a todos que se dispõem a conhecê-lo, caracterizando-se como uma instituição intimamente ligada às mudanças sociais.

Como criar meios de estabelecer esta conexão entre obra e público para estabelecer um maior entendimento da arte, cada vez mais complexa? Além do professor, é também de responsabilidade do museu, como instituição, abordar aspectos que interessem o espectador para que este se relacione com os novos códigos que a arte oferece, levando em conta também a admissão de profissionais qualificados para o atendimento ao público e para a parte administrativa da instituição.

Para isso, deve haver um contato maior com este público freqüentador de museus de arte, com o objetivo de proporcionar uma relação de proximidade entre espectador e instituição museal. O exemplo do Museu da Imagem e do Som (MIS), tendo Daniela Bousso como antiga diretora, que desenvolvia essa pesquisa qualitativa do público, incentivava o desenvolvimento e a pesquisa de tecnologia de mídias digitais voltadas à arte contemporânea, definido pela ex-diretora como de difícil assimilação para o público. Entretanto, há um setor educativo desenvolvendo projetos e oficinas para escolas, grupos agendados e público espontâneo “pensado como mediador e viabilizador das realizações do Museu, pois suas atividades [...] envolvem não apenas o seu espaço interno, mas se abrem para questionamentos atuais a partir da troca viva de experiências”¹⁶.

Por mais complexas que algumas obras de arte possam ser, o intuito é tornar esta obra mais visível e acessível ao público, dando mais visibilidade a diferentes tipos de mídias. O objetivo das ações institucionais voltadas à educação é de facilitar o acesso do público, o que pode causar

¹⁶ Retirado do site do Museu da Imagem e do Som, do setor Educativo, acessado entre os meses de agosto e setembro de 2011. <http://www.mis-sp.org.br/educativo>

(...) um efeito aparentemente paradoxal: em vez de facilitar o acesso à obra de arte, o destaque da ação educacional reforça a ideia, no público leigo, de que de fato as portas da arte se abrem depois do esforço representado por um treinamento orientado (COELHO, 2004:275).

o que permite ao museu avaliar e primar pela qualidade do serviço oferecido sempre levando em conta a opinião do espectador. Seria viável incentivar e destacar a parte da ação educativa com o desenvolvimento de novos projetos e mídias.

3.1. A Relação com a Arte

Para se ter uma noção do público escolar mais recorrente, é preciso organizar as visitas tendo em vista a quantidade de turmas que vem a cada certo período, qual a preponderância de escolas particulares e públicas, quantas oficinas são realizadas, de qual exposição, etc. Não há como ter uma noção geral, já que a demanda de estudantes em exposições é amplo, formado por diferentes situações sócio-econômicas e culturais, interesses e formas de aprendizado.

O ensino de arte se faz necessário a partir do momento em que, focando diretamente nos múltiplos campos e mídias onde esta atua, é preciso um preparo para a apreensão dos inúmeros sentidos que podem ser transmitidos. Assim, a participação do espectador é indispensável porque a arte pede interação com a obra, mas este precisa estar capacitado a entender tais preceitos.

Os padrões estabelecidos pela arte são efêmeros e mudam constantemente. Por isso, é preciso estar sempre renovando o conteúdo e também a forma como é ensinado, tanto das instituições de ensino, quanto em espaços de arte. Alunos de ensino Fundamental e Médio tendem a se privar de novas experiências diante de trabalhos de arte, impedindo o fluxo de capacidade criativa que podem vir a desenvolver mediante o uso de sua sensibilidade.

O docente deve ter a capacidade de levar os alunos a julgar os conteúdos vistos dentro do ensino-formal, desenvolvendo a análise e compreensão dos conceitos das obras de arte. É preciso que o indivíduo tenha

conhecimento prévio para poder entender as emitidas. Na realidade, existe uma privação de conhecimento da maior parte da população, não só de que o museu – como instituição - é um lugar de livre acesso, mas também de que a arte é passível de fruição e interpretação, não somente de contemplação passiva diante do discurso do artista, da instituição, do mediador, do professor ou de quem quer que seja.

O indivíduo que se interessa por arte geralmente é aquele que busca incessantemente o conhecimento mediante leituras, visitas as exposições e conhece as instituições culturais da cidade. Infelizmente, essa é uma parcela muito pequena da população, formada em grande parte por profissionais da área, estudantes de arte e artistas, possuidores das ferramentas suficientes para a apreensão da arte.

3.2. O Público como Parte do Espaço do Museu

A experiência de trabalhar em um museu ensina a observar e a interagir com as pessoas que lá freqüentam. Assim, passa-se a ter uma noção, ainda que não sistemática, sobre o nível de entendimento e freqüência deste público que se divide em “público organizado (visitantes organizados previamente em grupos) e público livre (ou espontâneo)” (COELHO, 2004: 326). O público espontâneo é composto, em sua maioria, por freqüentadores assíduos, por funcionários ligados à área de museologia, ou por visitantes com o intuito de conhecer a instituição museal, sendo estes os que mais consomem material sobre arte. Os indivíduos que vêm em grupos geralmente sabem pouco e querem compreender e interagir com a exposição, solicitando assim a mediação.

As escolas são um grupo à parte, pois estudantes geralmente freqüentam espaços de arte por vias da escola e dos professores. Como estão ainda em fase de aprendizado, é mais fácil criarem novas percepções sobre a arte, sendo necessário levá-los a descobrir novos caminhos de interpretação nas exposições. Como no Brasil a maioria dos alunos não tem o hábito de freqüentar museu com sua família como forma de lazer, isso vira trabalho para a escola. Fica a cargo de o professor fazer com que eles se interessem por arte, desafiando suas formas de ver, contemplar, de interar com a obra.

Isto não significa que todos os alunos vão se tornar artistas ou apreciadores da arte, mas é necessário levar o conhecimento para que possam avaliar o grau de interesse que podem vir a desenvolver. Criar desde cedo o costume de visitar um ambiente que evoque a arte contemporânea por possuir uma difícil abordagem em sala de aula. Muitos professores acabam concentrando o conteúdo somente em determinado período da história da arte. Assim eles terão os instrumentos necessários para trilhar seu próprio caminho dentro do museu possibilitando

(...) não somente habitar o espaço narrativo, mas tomar parte nele; possibilita fazer uma arquitetura pessoal dentro de um assunto intersubjetivo que pode ser compartilhado. Este é um arquivo comunitário onde lugares e obras são (re)coletados na memória, juntados para assimilação, e dispostos para o visitante se apropriar (...) (BRUNO, 2007: 338).

A possibilidade de estabelecer uma relação entre o museu e os alunos, cria um entendimento não só com a obra, mas também com o espaço expositivo. Muitas obras exigem deslocamento para serem absorvidas, e por mais simples que isso possa parecer para quem estuda ou leciona arte, isso não se mostra claro para indivíduos distantes do universo das artes. É preciso.

O professor ou o mediador devem estar atentos às necessidades de informação dos alunos para os mínimos detalhes mediante o espaço expositivo e às obras expostas advertindo-os quanto à distância sem ultrapassar as linhas sinalizadoras, a observá-la de outros ângulos, apreciando-a de variadas maneiras para maior compreensão da arte.

3.3. Relação entre o Público e o Museu

A arte atualmente está mais acessível ao espectador, se relacionando com inúmeros aspectos do cotidiano, trazendo inúmeros tipos de reflexões. O fato de o artista contestar os valores já enraizados em nossa sociedade gera questionamento e se abre à livre interpretação, estabelecendo relação com o ambiente do espectador a partir de seus hábitos, crenças ou fatores que afetam a sociedade. Por vezes, o modo como o cotidiano é abordado pelo

artista é feito de maneira muito complexa, requisitando a reflexão para captar o sentido que a arte contemporânea pretende transmitir.

Relacionando a arte com o diário, o ordinário e o usual, essa ligação é levada diretamente ao museu e a forma como isso é exposto. As exposições podem e devem ser criadas a partir de preceitos que visam levar o público a compreender do que se tratam as obras expostas. O objetivo atual dos museus é se voltar a uma gama variada de espectadores, dando uma grande ênfase ao público escolar.

A curadoria deve ser coerente com a propósito da exposição, independente do artista e da obra exposta. Ao seguir uma lógica que faça sentido dentro do contexto expositivo, a expografia pode ser parcialmente entendida sem a ajuda de um guia ou de um mediador. Muitas das obras da arte contemporânea exigem uma museografia lógica e coerente, sem se sobrepor aos trabalhos exibidos. Segundo Ángela Blanco,

(...) a investigação (do museu) sobre o público é necessária para conhecer suas características sócio-demográficas e sócio-culturais, suas atitudes em respeito aos museus, suas expectativas e motivações ao realizar a visita ao museu (...) (BLANCO, 1999:52).

Uma pesquisa bem elaborada possibilita um planejamento expográfico adequado para o público. Assim, o museu consegue exercer seu papel de intermediador entre espectador e obra. Se antes havia uma barreira intransponível entre estes dois elementos dentro do campo da arte, atualmente o museu se dedica a criar ferramentas e instrumentos de aproximação com o público, que se dispõe a conhecê-lo dentro dos setores educativos.

3.4. Visita à Bienal

O estágio docente possibilitou a visita à Bienal do Mercosul, na mostra Além Fronteiras, localizado no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS). O transporte foi cedido pela UFRGS, pois a Fundação Bienal não disponibilizava mais ônibus ao Colégio de Aplicação por exceder o número de três visitas por escola, sendo esta era a regra do agendamento, além de não poder exceder um número limite de 30 pessoas (incluindo alunos e

professores). De uma turma de 29 alunos, compareceram 25, acompanhados por dois professores regentes da escola e duas professoras estagiárias.

O agendamento foi feito com antecedência em decorrência da grande procura por horários de visita com ônibus da Bienal. Entretanto, acabaram ocorrendo alguns problemas porque a partir do momento em que a visita fora marcada, era necessário confirmar no



Figura 6 - Transporte cedido pela UFRGS. Créditos da imagem: Caroline Weiberg.

site da mostra. Como o site havia entrado no ar dias antes do começo da exposição, este apresentou vários problemas de funcionamento e falhas na confirmação dos agendamentos.

A maioria dos estudantes nunca havia ido ao MARGS, então além de conhecerem a exposição, os alunos estavam também conhecendo o museu. Apesar de a escola incentivar a visita para todas as turmas, com os professores de todas as matérias, há uma burocracia imensa com pequenos detalhes, como o transporte. Quando não há ônibus cedido pela mostra, tem de ser através da UFRGS, e isso exige autorização de todos os pais dos alunos, uma taxa mínima a ser cobrada, e onde há o risco de nem todos os alunos poderem pagar. Além disso, foi necessário que a escola tivesse dois professores disponíveis para acompanhar a turma, pois isso é a regra do Colégio Aplicação para passeios fora da escola. Se não houvesse disponibilidade, a visita não teria acontecido.

Dentro do MARGS a turma foi recebida por uma mediadora formada em História, por isso ela pediu para que os professores de artes complementassem com uma visão diferente, indo além das informações adicionais sobre os artistas, as obras e o contexto histórico. Os professores pouco interferiram na visita, deixando livre para os alunos interagirem já que demonstraram interesse

mediante conteúdo visto em aula, sobre algumas das obras e dos artistas que expuseram na mostra *Além Fronteiras*.

Um fato interessante sobre a obra do artista Gal Weinstein, chamada *Entre Ijuís*, consistia em um tapete com o mapa da cidade de Ijuí possibilitava explorar o espaço do museu. Era possível vê-la do andar térreo, mas não era permitido circular pelo meio da obra. No 2º andar podia-se observar o tapete das amplas janelas lá localizadas, o que dava uma dimensão totalmente diferente da obra e do espaço em si.

A visita teve duração de uma hora e meia, não havendo muito tempo para ver as obras com muita profundidade. Os

professores tiveram que optar por mais tempo para a visita, abrindo mão da oficina no final da mediação. Entre os nove artistas que compunham a mostra, foi possível ver somente cinco, sendo estes: Gal Weinstein, Carlos Pasquetti, Carlos Vergara, Irene Kopelman e Marina Camargo, escolhidos pela mediadora dentro do circuito e do tempo de visita.

Os alunos participaram da conversa com a mediadora, que estabeleceu um diálogo ativo o tempo todo. Ela não se sobrepunha às idéias que iam surgindo, complementando o conceito da obra. Mediante a obra de Marina Camargo – que foi amplamente trabalhada em sala de aula – os alunos se lembraram do processo de criação dos mapas, fazendo associações com os mapas de gelo da artista.



Figura 7 - Obra de Gal Weinstein vista de cima. Créditos da imagem: Fundação Bienal do Mercosul.

Esta visita serviu como encerramento do projeto de aula desta turma. Inicialmente, eles se mostraram agitados, então todo o planejamento de aula foi descartado por conter muita reflexão sobre arte, sobre a exposição visitada e sobre os artistas estudados. A solução foi buscar diferentes recursos através de atividades práticas e



Figura 8 - Dentro do MARGS, durante a mediação. Créditos da imagem: Caroline Weiberg.

pesquisa sobre obras e artistas, guiando a turma a escrever sobre seu processo de criação, com o intuito de fazê-los pensar no que estavam fazendo. Muitas vezes, já é difícil para os estudantes de arte refletir sobre as obras, então para adolescentes em processo de formação é preciso unir a prática e a teoria para que aprendam os diferentes aspectos da arte.

CONCLUSÃO

Um dos objetivos iniciais deste Trabalho de Conclusão de Curso era o de realizar um estudo sobre a ação educativa como proposta de inclusão de um público sem contato com a arte focando, em como o museu promovia este processo diante da arte contemporânea, possibilitando um entendimento cada vez maior das exposições, exercido através dos Setores Educativos, propondo diferentes meios de interação entre público e obra.

Com este propósito foi realizado um levantamento de quatro museus estudados para pré-banca: a Fundação Iberê Camargo (Porto Alegre – RS) pela experiência pessoal no setor educativo, o Instituto Inhotim (Brumadinhos – MG) por causa dos inúmeros projetos estabelecidos com a comunidade ao redor, a Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo – SP) pelo acervo e exposições e o Museu Lasar Segall (São Paulo – SP) por ter sido um dos primeiros museus brasileiros a implementar a ação educativa. Porém, ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, surgiram outros fatores que fizeram voltar este assunto tão amplo a aspectos mais voltados à educação formal dentro da escola, nunca perdendo sua conexão com o tema principal.

Por influência direta do estágio docente dentro do Colégio Aplicação e da visão do professor que era até então desconhecida, este trabalho passou a tratar sobre o ensino escolar de arte, sendo a ação educativa um suporte à contextualização da aprendizagem da arte. Constantemente buscando referências para elaborar as aulas, muitas vezes recorri ao meu acervo pessoal de materiais didáticos adquiridos ao longo destes anos de graduação, que foram de grande ajuda para produzir um material próprio para as aulas, através de fichas de artistas que os alunos poderiam recorrer caso requisitassem em aula.

Após esta breve experiência como professora de artes acrescentada às experiências anteriores como mediadora em inúmeras exposições, foi possível ter uma noção dos dois lados que trabalham a ação educativa. Uma parte prepara a turma para a visita em si, e a outra faz a ação propriamente dita. Porém, o mediador não tem muita informação sobre conteúdo ensinado em sala de aula e do comportamento da turma que está em visita. É muito pouco

tempo de contato para poder apreender qualquer informação mais aprofundada.

A experiência dentro do ensino formal de arte foi fundamental para ter a noção de que ensinar arte não é nada fácil para um público jovem que não está habituado a se informar sobre o assunto. A faixa etária de jovens entre 13 a 17 anos a qual tive contato é um tanto dispersa do ensino da escola. Pareceu-me uma geração alienada, se mantendo informada através da internet, especificamente de redes sociais como o *Twitter* e o *Facebook*, não existindo muito espaço para conteúdos escolares.

Certa vez em sala de aula, ao perguntar aos alunos da oitava série do Ensino Fundamental sobre qual o tipo de aula de arte que eles mais gostavam, responderam que gostavam de “artesanato”, sendo este o conceito deles sobre arte. Levá-los a pensar um pouco mais sobre artistas e obras era, de fato, um pouco difícil por estarem acostumados a um conceito de arte associado ao senso comum, onde o “belo” deve sempre estar associado ao tema.

Mesmo com estas limitações dos alunos, depois de certo tempo de convivência e ensino, eles acabam surpreendendo com suas opiniões. Se a turma se sentir à vontade para se expressar em sala de aula, os alunos se sentem encorajados a se dedicar às atividades, tanto práticas quanto teóricas. E o resultado são trabalhos excelentes, de grande diversidade de opiniões e técnicas.

Juntamente com o relato concedido pela professora Salete Melo - indicação da professora orientadora Ana Carvalho - que tem muito anos de experiência dentro da escola pública e contando com poucos recursos materiais dentro de sala de aula, situação diferente àquela vivida no Colégio Aplicação, possibilitou rever a limitação dos alunos sobre fruição e apreensão da arte. Todos os discentes, por mais restrições de acesso a museus e conhecimento de conteúdo que tenham, podem produzir e entender os conceitos de arte dentro de suas possibilidades.

No que concerne às aulas dadas durante o estágio, constatei que preparar os alunos para as visitas às exposições é de extrema importância para que eles tenham uma base do que será dito e visto. Uma visita prévia à exposição para conhecimento e seleção de artistas e obras. Como todos os anos de Bienal, esta mostra é sempre amplamente discutida nas aulas da

universidade. Portanto, não foi de grande urgência me informar muito sobre os artistas, pois vários deles foram mostrados e analisados em aula.

Estas experiências levantaram muitas outras questões a serem investigadas futuramente, pois o ensino de arte tem muitos aspectos a se discutir, assim como a ação educativa, onde são exercidos inúmeros projetos de integração que merecem melhor atenção. Acredito, para o atual estágio de minha formação, que este projeto executou as funções às quais se destinou a desenvolver, buscando referências dentro da escola e do museu, baseando-se em experiências diferentes para desenvolver esta pesquisa, além de referências bibliográficas especializadas. As afirmações aqui expostas sobre adolescentes ou sua geração representam a minha posição a partir do que foi observado dentro de sala de aula, durante situações específicas, sem necessariamente generalizar os estudantes.

Há muitos aspectos no ensino de arte ainda a se discutir, por professores em formação e por professores com longa experiência, a Proposta Triangular exige uma revisão de como é passada aos docentes e aos estudantes, e ainda está sendo digerida. Os professores em formação procuram diferentes maneiras de ensinar a arte através de propostas baseadas em autores que pesquisam a fundo a arte-educação, como Fernando Hernández, Analice Pillar e Ana Mae Barbosa, trazendo novas reflexões dentro do campo da educação. As instituições culturais cada vez mais tem se dedicado a inteirar professores dentro de seus programas de exposições, com inúmeros tipos de oficinas que visam tornar cientes pessoas que se interessam pela arte, dentro e fora dos museus.

É importante ressaltar que sem as experiências pessoais anteriores, aqui relatadas, no papel de mediadora e professora, não haveria possibilidade de elaborar esta pesquisa. Dentro da visão destes importantes personagens do campo de ensino da arte, percebi como é difícil associar duas instituições como o museu e a escola, de realidades tão distintas, levando em conta o público a que elas se destinam. Embora, após uma análise mais aprofundada, junto à elaboração desta pesquisa, permita revelar que há uma relação de proximidade antes não imaginada por mim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

ALVES, Cauê. A Curadoria como Historicidade Viva. In: RAMOS, Alexandre Dias. Sobre o Ofício do Curador. Porto Alegre: Zouk Editora, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no Ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva. 1999. 4ªed.

BLANCO, Ángela García. La Exposición, Un Medio De Comunicación. 1ª Edição. Madrid: Ediciones Akal, 1999.

BOURDIEU, Pierre. O Amor Pela Arte: Os Museus De Arte Na Europa E Seu Público. 2ª Edição. São Paulo: EDUSP Zouk, 2007.

BRAGA, Paulo. O Curador e a Galeria. In: RAMOS, Alexandre Dias. Sobre o Ofício do Curador. Porto Alegre: Zouk Editora, 2011.

BRUNO, Giuliana. Atlas of Emotion: Journeys in Art, Architecture and Film. Nova York: Verso, 2007.

CAMNITZER, Luis e PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. Arte para a Educação/ Educação para a Arte. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

COELHO NETTO, JOSE TEIXEIRA. Dicionário Crítico De Política Cultural: Cultura E Imaginário. 3ª Edição. São Paulo, Editora: ILUMINURAS, 2004.

DEMO, Pedro. Desafios Modernos da Educação. 7ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

HERNANDEZ, Fernando. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MARTINS, Mirian Celeste. Aquecendo uma Transformação. In: BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. 6ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011.

PILLAR, Analice. O Vídeo e a Metodologia Triangular no Ensino da Arte. Porto Alegre: UFRGS: Fundação lochpe, 1992.

RIZZI, Maria Christina de Sousa. Caminhos Metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. 6ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011.

TOURINHO, Irene. Transformações no Ensino da Arte: Algumas Questões para Reflexão Conjunta. In: BARBOSA, Ana Mãe. Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. 6ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011.

ZANINI, Walter. Novo Comportamento do Museu de Arte Contemporânea. In: RAMOS, Alexandre Dias. Sobre o Ofício do Curador. Porto Alegre: Zouk Editora, 2011.

Artigos

CABRAL, Magaly. Parcerias em Educação e Museus. Anais do III Encontro Regional da América Latina e Caribe – CECA/ICOM, São Paulo, MAB/FAAP, 2006.

EUROPEAN COMMISSION (EC). A Memorandum on Lifelong Learning. Brussels, 2000. Disponível em: <<http://www.bologna-berlin2003.de/pdf/MemorandumEng.pdf>>. Acessado no período do mês de novembro de 2011.

GUIMARÃES DUARTE, Valquíria. Uma Museografia para o Século XXI: uma Análise da Concepção Espacial/Museográfica do Instituto Cultural de Inhotim. 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Salvador, BA, Brasil, pág. 2868 – 2882. Setembro, 2009.

VIEIRA, Denyse. Metodologia Triangular: exemplos de estratégias. Anotações da palestra de BARBOSA, Ana Mae. Seminário Arte na Escola. Porto Alegre, Projeto Arte na Escola, 1989. In: Banco de Textos do Projeto Arte na Escola nº017/1993.

Revistas

BERNARDO, Valeska. Releitura Não é Cópia: Refletindo uma das Possibilidades do Fazer Artístico. In: Revista Nupeart, v. 3, nº 3. Florianópolis, set.2004/2005 (p. 23 – 43).

GOHN, Maria da Glória. Educação Não-Formal e a Relação Escola-Comunidade. In: Eccos Revista Científica, vol. 6. São Paulo, 2004.

LEÃO, Raimundo Matos de. Apreciação da Obra de Arte: a Proposta Triangular. In: Revista de educação CEAP - Ano 11 - nº 43 - Salvador, dez/2003 (p. 55 - 65).

MARTINS, Mirian Celeste. Arte, só na aula de arte? In: Arte, Cultura, Educação: Mutações, vol. 34, nº 3. Porto Alegre: EdiPUC, 2011.

Catálogos

RAMOS, Alexandre Dias. 8ª Bienal do Mercosul: Ensaaios de Geopoética. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

Páginas da Internet

8ª BIENAL DO MERCOSUL.

<http://www.bienalmercosul.art.br/sobre>. Acessado no período do mês de outubro de 2011.

CARTOGRAFIA ARTÍSTICA DO BAIRRO - PROJETO ÚNICOS E UNOS

<http://projetounicoseunos.blogspot.com>, Acessado no período do mês de outubro de 2011.

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. <http://www.iberecamargo.org.br/site/default.aspx>. Acessado entre os meses de setembro e outubro de 2011.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

Setor Educativo: <http://www.mis-sp.org.br/educativo>. Acessado entre os meses de agosto e setembro de 2011.

ANEXOS

Depoimentos

SALETE MELO

Depoimento concedido no dia 19 de outubro de 2011, via e-mail.

Bem, Natália

Não sei bem ao certo que tipo de relato queres. Mas aí vai a parte I (por absoluta falta de tempo vou contar aos poucos). Um fato curioso é que antes de dar aulas trabalhei em várias outras atividades, sempre fugindo da sala de aula por acreditar que não era essa a minha profissão.

Antes de ser regente de classe, fiz concurso para secretária de Escola e por sete anos, trabalhei na secretaria. Contaminação total pelo magistério. Acabei descobrindo que nunca poderia ser outra coisa senão: professora!

Fiz concurso em 2000. Assumi logo de cara, largaram no meu colo todas as 5as, 6as, 7as, 8as e Ensino Médio. 22 turmas! É mole? Nos primeiros dias tremia como vara verde, mas consegui disfarçar bem. Acho que ninguém notou! Mas peguei gosto pela coisa!

Tenho uma peculiaridade de trabalho: detesto repetir aulas de um ano para outro. Acho chato e quando pegamos os mesmos alunos na 5ª, depois na 6ª... Fica inviável trabalhar do mesmo jeito, as mesmas coisas. Tem colega que gosta. Eu amo o que faço e, por isso, me divirto.

Bem, vamos ao processo do trabalho! Desde que li Fernando Hernandez, trabalho por projetos. Um grande projeto para um ou dois anos, subdivididos em mini projetos complementares ou ainda em 2 subprojetos no ano.

Já trabalhei com portfólios e nesses 2 últimos anos tenho preferido trabalhar com livro de artista (que construímos juntos) para os registros e criações dos alunos.

Acrescentei ainda o uso das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), ferramentas virtuais para intermediar a aprendizagem, a autoria e o trabalho colaborativo - uso o Google Docs. Tentei o Pbworks, mas não teve

boa aceitação pelos alunos pela dificuldade com a língua inglesa. Eu, particularmente acho-o muito mais completo para se trabalhar.

Planejo o ano letivo levando sempre em consideração a realidade do nosso bairro (moro no mesmo que meus alunos) e na medida do possível procuro inserir o conteúdo de arte como mediador de uma formação pessoal e cultural, como detonador de reflexões sobre nosso papel (pessoas) como semeador de idéias criativas, éticas, estéticas, artísticas para “melhoria” do espaço que compartilhamos no micro e macro contexto sociais.

Quero sim, desenvolver o senso e a sensibilidade de consumidores de todas as linguagens de arte nos meus alunos. Sonho que consigam construir um repertório de conhecimento capaz de outorgar-lhes voz e vez para defender suas idéias sobre arte e também sobre a vida. E é este sonho que nos mantém no magistério!

Hoje, paro por aqui! Tenho livros de artistas para ler e dialogar com e sobre os trabalhos que os alunos fizeram nele. Esta leva tem 50 livros. Se der tempo, ainda tenho que ler as postagens que fizeram no Google Docs para dar retorno. E já é quase meia-noite!

SALETE MELO

Depoimento concedido no dia 31 de outubro de 2011, via e-mail.

Oi, Natália!

Obviamente que as ações educativas ajudam e muito a sala de aula.

Tenho hábito de levá-los à Bienal e à fundação Iberê Camargo (muito próxima da nossa escola). Nesta Bienal além do Cais do Porto, fomos ao Santander ver a obra de Dittborn. Eles adoraram e até fizeram algumas relações com o trabalho que fizemos no ano anterior inspirado em Arthur Bispo do Rosário (bordamos os mapas dos endereços... já viste no blog) e Dittborn também "costura e borda" diferentes endereços que sua obra faz.

Infelizmente, meu tempo estrangulado não me permite participar de todas as formações - mas quase! Abro mão de alguns sábados (de meu "lazer") para participar das formações, se é que professores tem esse luxo durante o ano letivo: lazer!

Muito embora sejam realidades bem diferentes. A sala de aula é o "pé no chão", a lide com as diferentes condições culturais e de materiais de trabalho.

Quando vamos ao museu ou mesmo à Bienal, lidamos com outro mundo. Lá nas oficinas nos deparamos com material de primeiríssima qualidade (principalmente na Fundação Iberê Camargo), métodos pedagógicos eventuais (digo no sentido de que osicineiros não vivenciam o dia a dia da sala de aula) o que não exclui de nosso trabalho essa metodologia mais "livre e solta"- também eventual, sazonal. Mas não é maioria. Como já bem sabes, trabalho com projeto e isso requer certo planejamento e cumprimento do cronograma, sob pena de frustrar a expectativa dos alunos e mesmo a minha, que também espero ansiosamente pela hora da experiência estética do encontro da imaginação com a concretização da idéia: o objeto artístico.

Quanto ao material pedagógico fornecido pelas formações, são materiais preciosos, embora com o advento da internet, tenhamos acesso a imagens das obras de todos os tempos. Mas são linguagens diferentes! E podemos conjugar tudo para melhorar nosso desempenho como professores mediadores do encontro entre nossos alunos e a arte.

IMAGENS

Colégio Aplicação – Turma 82 – Ensino Fundamental

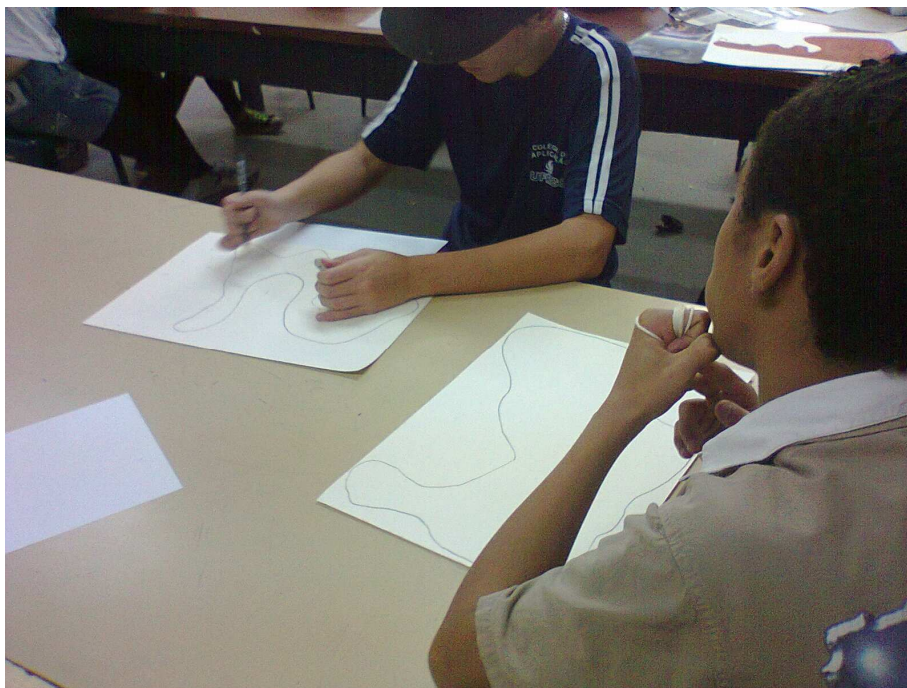


Figura 9 - Alunos da turma 81, desenhando países. Imagem datada de 29 de setembro de 2011. Créditos da Imagem: Natália Rizzi.



Figura 10 - Grupo fazendo colagem sobre a descrição dos países. Imagem datada de 29 de setembro de 2011. Créditos da Imagem: Natália Rizzi.



Figura 11 - Grupo fazendo as colagens. Imagem datada de 29 de setembro de 2011. Créditos da Imagem: Natália Rizzi.

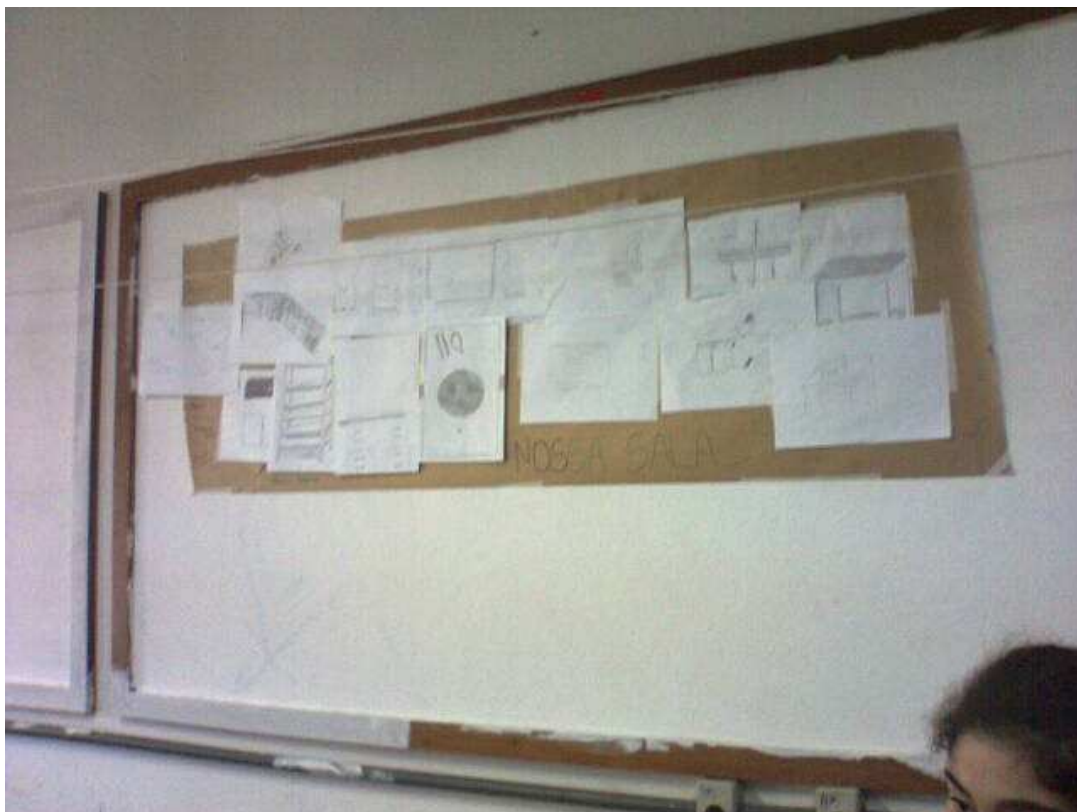


Figura 12 - Painel da sala de aula feito pela turma. Imagem datada de 25 de agosto de 2011. Créditos da imagem: Natália Rizzi.



Figura 13 - Durante a visita no MARGS. Imagem datada de 27 de outubro de 2011. Créditos da imagem: Caroline Weiberg.



Figura 14 - Antes da visita, no Colégio Aplicação. Transporte da UFRGS. Imagem datada de 27 de outubro de 2011. Créditos da imagem: Caroline Weiberg.



Figuras 15 e 16 - Alunos durante a confecção dos painéis baseado na obra de Arthur Bispo do Rosário. Imagens datadas de 2 de novembro de 2009.



¹⁷ Fotos retiradas do blog do projeto "Cartografia Artística do Bairro - Projeto Únicos e Unos" - <http://projetounicoseunos.blogspot.com/>. Cedidas gentilmente pela professora Salete. Acessado no período do mês de outubro de 2011.



Figuras 17 e 18 - Mapas do bairro Cristal feito pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio. Imagens datadas de 24 de junho de 2009.

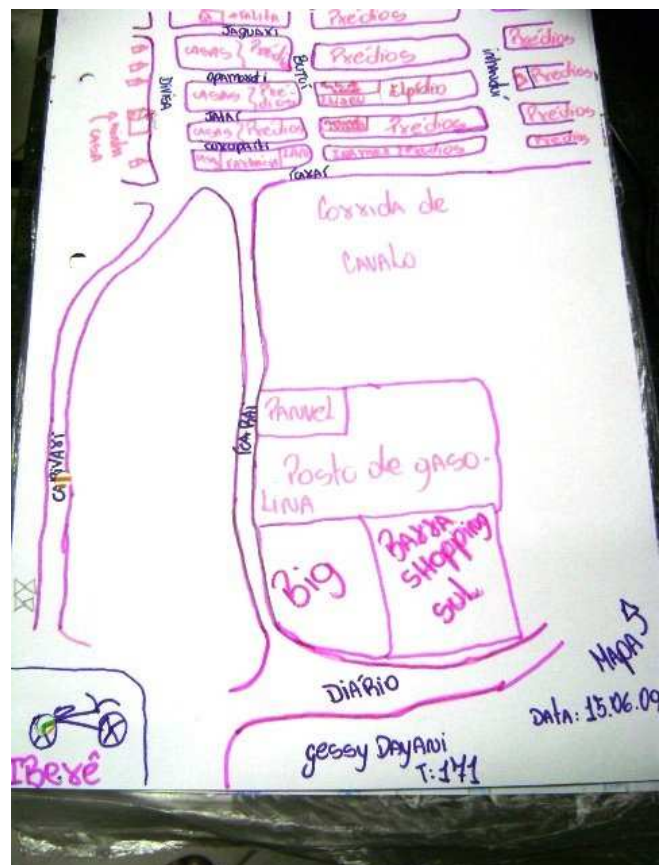




Figura 19 - O Paine: fechamento do projeto. Imagens datadas de 31 de janeiro de 2010.